

JOÃO PAULO II E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: VOLTA À GRANDE DISCIPLINA? Tiago Tadeu Contiero, Ivan Aparecido Manoel – História – História – Departamento de História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Campus de Franca

O presente trabalho tem por finalidade buscar o entendimento das atitudes de João Paulo II em relação ao movimento teológico latino-americano, denominado Teologia da Libertação, demonstrando que por meio de sua ação contra o movimento buscava-se, na verdade, um regresso a “Grande Disciplina” conservadora adotada pela hierarquia católica, no século XIX, e que permeava todas as atitudes da Igreja até o Concílio Vaticano II.

Para essa abordagem, é obrigatório entender que a Igreja nem sempre foi igual em seus dois mil anos de existência, ou seja, durante os séculos passou por modificações. Em cada momento histórico existiu uma Igreja diferente que acabava por se autoconferir tarefas e obrigações sociais, de acordo com a sociedade em que estava inserida, e isso é denominado de autocompreensão, um auto-entendimento da Igreja que perdura até que, por razões internas ou externas, acabam criando situações propícias ao surgimento de uma nova autocompreensão. A autocompreensão desenvolvida ao longo do século XIX é denominada Ultramontanismo.

Dentro dessa visão, pode-se afirmar que o Ultramontanismo foi uma autocompreensão da Igreja que perdurou de 1800 até 1963 (de Pio VII a João XXIII). Essa doutrina católica conservadora condena o mundo moderno, centraliza a Igreja na figura do Papa, condena o capitalismo e o comunismo, pode-se dizer que o Catolicismo Ultramontano é uma reação da Igreja contra a modernidade e o que ela trouxe ao mundo.

Por se tratar de uma doutrina que pendurou de 1800 até praticamente o Concílio Vaticano II em 1963, poder-se-ia pensar que o Ultramontanismo possuiu uma certa rigidez, que na verdade não ocorreu, como aponta Ivan Manoel:

O exame da história da Igreja demonstra essa atitude: de Pio VII (1800 – 1823) a Pio IX (1846 – 1878), houve um esforço da doutrina e das práticas devocionais; com Leão XIII (1878 – 1903), continuou o reforço do devocional, mas já havia indícios de que a Igreja iria intervir fortemente no sócio-político; de Pio X (1903 – 1914) a Pio XII (1939 – 1958), a ação “concreta” foi explicitada através dos programas da Ação Católica. (MANOEL, 2004, p.21)

Este excerto deixa claro ter havido três momentos distintos no Catolicismo Ultramontano, que se iniciou com uma estratégia centrada mais no discurso do que na ação; já com Leão XIII são dados passos fundamentais apontando para uma estratégia que envolvia não apenas o discurso, mas também uma intervenção católica na realidade principalmente a partir de sua Encíclica: *Rerum Novarum*, e por fim, a partir de Pio X, a doutrina Ultramontana passa do campo do discurso para o campo da Práxis, principalmente por meio da Ação Católica.

A Ação Católica foi um movimento de leigos que funcionou como uma espécie de extensão da hierarquia eclesiástica, cujo objetivo principal era atuar junto às estruturas da sociedade a fim de recristanizá-las. Porém, a Ação Católica criou as contradições que acabaram levando ao Vaticano II, e na América Latina serviu de base para o surgimento da Teologia da Libertação.

Para muitos, a Teologia da Libertação teria tido sua origem em 1968 com a publicação do livro: “Teologia da Libertação” de autoria de Gustavo Gutiérrez, mas para seus teólogos, esta data é discutível. Em 1962, em uma reunião em Petrópolis, onde estava presente o próprio Gutiérrez entre outros, já se pensava numa espécie de Teologia que objetivasse a libertação social, o fim da opressão. É fundamental notar que a Teologia da Libertação surgiu num momento em que golpes ditatoriais se espalharam por toda a América Latina, bem como a fome e a miséria se generalizaram. É de igual importância observar que esta reunião em Petrópolis ocorreu antes do Vaticano II.

A Teologia da Libertação temporalizou o conceito de Reino de Deus, trazendo-o para o agora, para o hoje, já que seus idealizadores viam que era necessário que se criasse um projeto alternativo, uma

nova opção para a sociedade, e utilizaram a Bíblia para mostrar que Deus desejava algo novo. Os seus teólogos passaram a conceber o capitalismo como sendo o grande responsável pela miséria da sociedade; dessa forma passaram a se aproximar do socialismo, mas não o socialismo soviético vigente na época; era uma outra forma de se pensar, que remetia às comunidades Cristãs primitivas, retirando suas fontes dos Atos dos Apóstolos.

No momento em que a Teologia da Libertação começava a se esboçar na América Latina, em Roma se iniciava o Concílio Vaticano II, em 1963, com o Papa João XXIII. O Concílio marcou a relativa abertura da Igreja ao mundo moderno, contribuiu de forma decisiva para sua atualização e para suas inovações, mas essas atualizações tinham por base a Europa, e não se pensava naquele momento na Igreja latino-americana. Os Bispos latino-americanos, ao retornar de Roma, convocaram a primeira reunião do CELAM, realizada em Medellín, com o objetivo de implantar as inovações conciliares na América Latina, evidente que com as devidas adaptações às realidades existentes.

Com o Concílio, a Teologia da Libertação encontrou os elementos que a aproximaram da Igreja, como a opção pelos pobres. Já no Pontificado de Paulo VI, e com o apoio do Pontífice, as Comunidades Eclesiais de Base e a própria Teologia da Libertação se unem definitivamente à Igreja. Pouco tempo depois, Karol Wojtyła é eleito Papa, e assume o comando da Igreja Católica com o nome de João Paulo II, em 1978.

Karol Wojtyła nasceu em Wadowice na Polônia, em 1920, ou seja, a Igreja escolhera como sucessor de Pedro um Cardeal oriundo de dentro da Cortina de Ferro, um Cardeal que vivera sob a influência do regime comunista soviético. O Pontificado de João Paulo II (o 3º mais longo da história) foi marcado pelo seu carisma, pelas suas inúmeras viagens ao redor do mundo, pela sua grande habilidade comunicativa, e principalmente pelo combate travado contra o Comunismo na primeira metade de seu pontificado.

É inegável a influência de João Paulo II na derrocada do Comunismo europeu, principalmente pelo seu apoio ao movimento polonês Solidariedade, contrário ao Comunismo. Mas como João Paulo II reagiria a um movimento teológico que se aproximava tanto do socialismo? A resposta é óbvia. A Teologia da Libertação desenvolveu, de fato, uma análise da sociedade utilizando a dialética marxista, mas o Vaticano considera que o movimento teria incorporado o marxismo como um todo, incluindo fundamentos ateístas, algo inaceitável. O grande problema estava no fato de que a hierarquia da Igreja temia que o movimento teológico latino-americano tirasse a fé das pessoas, quando o que eles realmente buscavam era que o povo tivesse uma visão de Deus de uma forma não hierarquizada, isso, obviamente se chocava com o pensamento da hierarquia Católica.

Nesse sentido, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou dois documentos com estudos sobre a Teologia da Libertação: *Liberatis Nuntius* (1984) e *Liberatis Conscientia* (1986) onde se considera que a aproximação do movimento teológico com ideais marxistas não é compatível com a doutrina Católica, ao mesmo tempo em que a Igreja reaviva seu compromisso incondicional com os mais pobres, algo que a Teologia da Libertação mais defendia. Mas o que João Paulo II buscava de real nesse embate com a Teologia da Libertação? Estaria ele apenas interessado em combater um movimento que se aproximava do marxismo, ou queria algo mais?

Ao analisar as ações de João Paulo II, nota-se que ao mesmo tempo em que atraía grandes multidões devido ao seu carisma, ele freava os avanços Conciliares, abrindo cada vez mais espaço para movimentos conservadores, em detrimento de outros movimentos como a Teologia da Libertação, da qual a Cúria Romana minava cada vez mais a influência. Ao analisarmos esse embate constata-se que realmente João Paulo II utilizou-se sim de suas ações contra a Teologia da Libertação para buscar uma volta a “Grande Disciplina” pré-conciliar, ou seja, à doutrina conservadora da Igreja. Isso se torna ainda mais evidente na questão da nomeação de Bispos. Com o pretexto de combater os movimentos de esquerda dentro da Igreja, João Paulo II nomeia, para posições-chaves, Bispos ligados a movimentos conservadores, numa clara demonstração de seu interesse.

Com o texto acima, explicita-se que há um interesse em entender as ações de João Paulo II em relação à Teologia da Libertação buscando comprovar ou não que estas ações, de forma efetiva, servem como sinal de seu interesse em retornar à doutrina ultraconservadora, já que enquanto combatia (nunca de

forma direta, sempre indiretamente) o movimento teológico latino-americano, ele abria cada vez mais espaços para movimentos neo-conservadores, como a própria Opus Dei ou a Renovação Carismática.

Referências bibliográficas:

BETTO, Frei. *A Teologia da Libertação ruuiu com o muro de Berlim?* In *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 50, Fasc. 200, 1990

BOFF, L. *Igreja: Carisma e poder*. Ed. Ática, São Paulo, 1994

COSTA, L. A. *A Juventude Universitária Católica (JUC) na esquerdização do Catolicismo brasileiro (1950-1967)*. TCC

EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*. São Paulo, Paulus, 1993

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*. Vozes, Petrópolis, 1986

HINKELAMMENT, F. J. *A Teologia da libertação no contexto econômico-social da América Latina: Economia e teologia ou a irracionalidade do racionalizado*. In *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 56, 1996

JOÃO PAULO (Papa) *Laborem Exercens*. São Paulo, Paulinas, 2003

Libertatis Nuntius: Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação. Documento da Congregação para a Doutrina da Fé. Acessado em 18/04/2006 a partir do site: www.veritatis.com.br/conteudo.asp?pubid=892

LÖWY, M. *Marxismo e Teologia da Libertação*. Cortez, São Paulo, 1991

MANOEL, I. A. *Ação Católica brasileira: marco na periodização da história da Igreja Católica no Brasil*. In *Religiosidade, misticismo e histórias no Brasil Central*. Distrito Federal, Universa Editora

MANOEL, I. A. *O Pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá, Eduem, 2004

MOREIRA, M. *O cerco à Igreja progressista*. In *Cadernos do terceiro mundo*. Ano XI, nº 115

Bolsa: CNPq/PIBIC